

FICHA TÉCNICA | EXHIBITION CREDITS

COMISSÁRIO DOS 80 ANOS DO CEG | CEG'S 80TH ANNIVERSARY COMMISSIONER
JOSÉ MANUEL SIMÕES

CURADORIA | CURATED BY
FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA

ORGANIZAÇÃO | ORGANIZATION
SANDRA DOMINGUES

COLECÇÃO | COLLECTION
FOTOTECA DO CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS/IGOT-ULISBOA
| PHOTO ARCHIVE OF THE CENTRE FOR GEOGRAPHICAL STUDIES/IGOT-ULISBOA

DIGITALIZAÇÃO - PRÉ-IMPRESSÃO | SCANS - PRE-PRESS
FILIPA GARCEZ JARDIM
MARIA JOÃO RAIMUNDO
SÍLVIA MENDES RIBEIRO

DESIGN E MONTAGEM | EXHIBITION DESIGN AND INSTALLATION
ANA BONIFÁCIO
FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA
SANDRA DOMINGUES
SÍLVIA MENDES RIBEIRO

IMPRESSÃO FOTOGRÁFICA E ACABAMENTO | PHOTOGRAPHY PRINTING
CÓPIA IGUAL - CENTRO DE INFORMÁTICA, CÓPIAS E PAPELARIA

DIAPORAMA - PRÁTICAS DE TRABALHO DE CAMPO | EXHIBITION SLIDESHOW - FIELDWORK PRACTICES
FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA
MARIA JOÃO RAIMUNDO
SANDRA DOMINGUES
SÍLVIA MENDES RIBEIRO

AGRADECIMENTOS | ACKNOWLEDGEMENTS

ANA ESTEVENS
ANA RAMOS PEREIRA
ANDRÉ NUNES DE SOUSA
ANTÓNIO LOPES
AQUILINO MACHADO
CARLA MORA
CARLOS DIOGO GOMES
CARLOS NETO
EDUARDA MARQUES DA COSTA
GONÇALO VIEIRA
HERCULANO CACHINHO
JENNIFER MCGARRIGLE
JOÃO ANASTÁCIO

JOSÉ LUÍS ZÊZERE
JOSÉ MANUEL SIMÕES
LUÍS MORENO
MARCELO FRAGOSO
MARGARIDA QUEIRÓS
MARIA AUXILIADORA DA SILVA
MARIA HELENA ESTEVES
MÁRIO VALE
NUNO CRUZ
NUNO MARQUES DA COSTA
PAULO MORGADO
PEDRO GUIMARÃES
RICARDO GARCIA

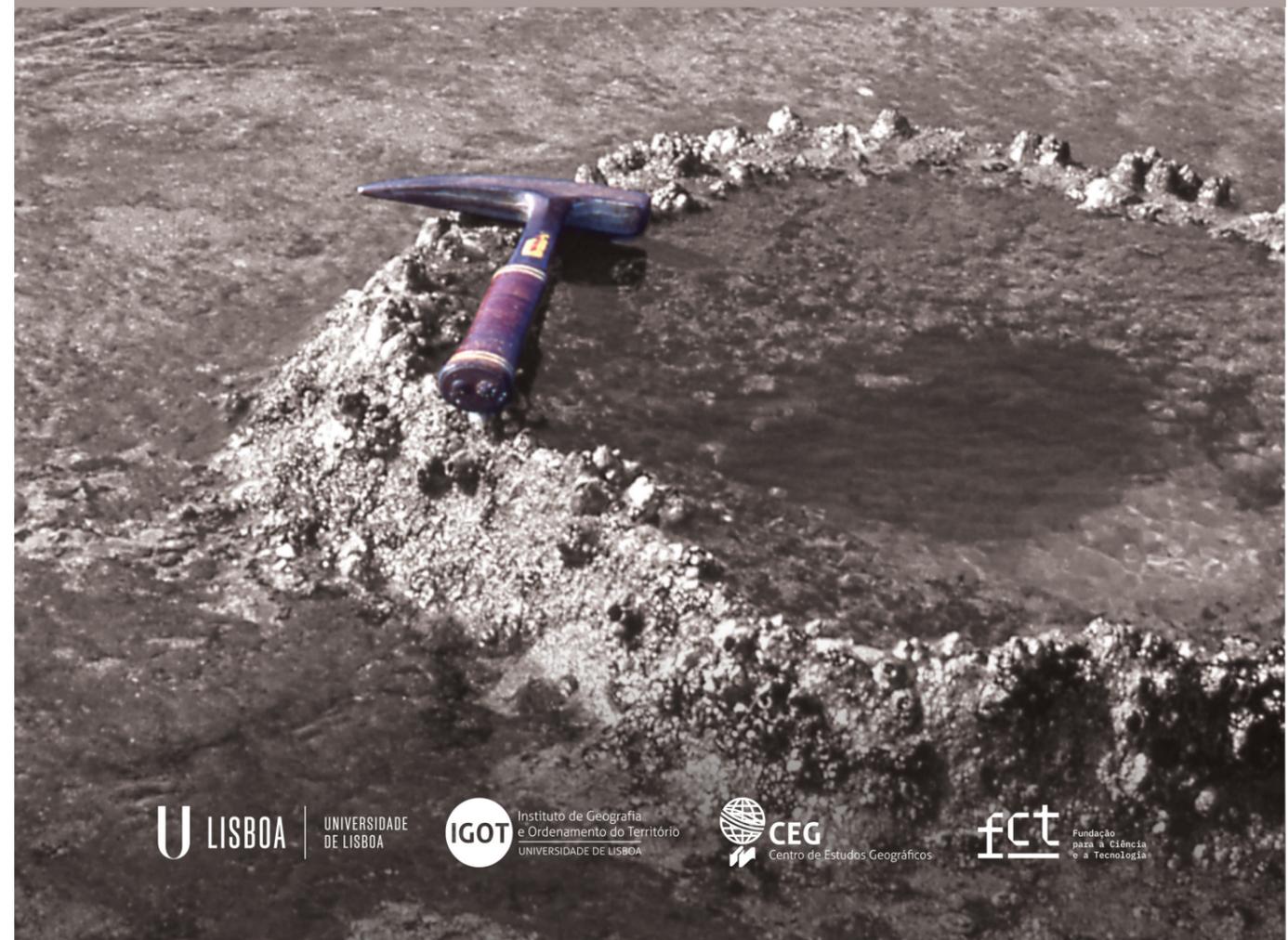
CONTACTOS | CONTACTS

IGOT - INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO
RUA BRANCA EDMÉE MARQUES, 1600-276 LISBOA
+351 210 443 000 | CDI@IGOT.ULISBOA.PT

CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

80 ANOS 80 FOTOGRAFIAS

IGOT • 2 DE MAIO A 14 DE JULHO 2023



U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

IGOT

Instituto de Geografia
e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE DE LISBOA

CEG

Centro de Estudos Geográficos

fct

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS: 80 ANOS, 80 FOTOGRAFIAS

CENTRE FOR GEOGRAPHICAL STUDIES: 80 YEARS, 80 PHOTOGRAPHS

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA E DIAPORAMA | PHOTOGRAPHIC EXHIBITION AND SLIDESHOW

No ano em que comemoramos os 80 anos do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, oferecemos uma mostra do património fotográfico constituído para fins de investigação científica pelas primeiras gerações que se cruzaram nesta casa e que hoje está à guarda da Fototeca do CEG. Trata-se de uma exposição concebida a partir do interior da instituição, ou seja, é uma forma de escrita visual e narrativa sobre nós próprios, com todos os termos que daí decorrem.

A leitura romântica do trabalho dos geógrafos insiste em dizer – como o dizia o escritor Joseph Conrad – que a Geografia é a única ciência que deixa espaço à aventura. Nós que olhamos a disciplina a partir de dentro, preferimos pensar que o trabalho de campo que está na origem desta percepção de ciência aventureira constituiu antes uma prática relativamente ritualizada há mais de um século, estabelecida numa época em que a disciplina fazia fé na capacidade de descrever a realidade visível do mundo. A diversidade interna da Geografia permitia estender generosamente as possibilidades desse exercício sobre o terreno: tanto funcionava para o olhar do geomorfólogo que partia das evidências da paisagem natural, como continuava a fazê-lo para a recriação ampla de paisagens rurais ou para o trabalho circunscrito a uma cidade ou até a uma praça, por exemplo.

Neste processo, segundo o qual o terreno era uma espécie de «caixa negra» e os geógrafos os seus intérpretes privilegiados, a fotografia representava a fase inicial da pesquisa científica no sentido em que – tal como o caderno de campo – lhe cabia fixar o primeiro raciocínio geográfico realizado sobre o terreno. Sabemos que cada um desses «instantes fotográficos» teve a sua circunstância, situada num espaço e num tempo concretos, que podemos e devemos procurar reconstituir no arquivo, sabendo de antemão que nunca se repetirá. Mas com uma exposição vamos sempre por um outro caminho. Trata-se sobretudo de deixar margem a quem nos visita para construir a sua própria leitura sobre o que vê, neste caso reinterpretando e dando sentido a este conjunto de 80 fotografias que seleccionámos com o propósito de oferecer uma primeira panorâmica sobre a grande diversidade de temas e autores representados na Fototeca do CEG.

As fotografias escolhidas estão datadas de entre finais da década de 1920 e o início da década de 1980. Como é bom de ver, as mais antigas – de Hermann Lautensach – são anteriores à criação do CEG, mas terão sido cedo incorporadas na colecção por força dos vínculos de afinidade que ligavam este geógrafo físico alemão a Orlando Ribeiro, fundador do Centro. Este facto indicia também o intenso nível de internacionalização que o CEG garantiu desde o início e que outras fotografias incluídas na mostra comprovam. Se os geógrafos dominam entre as quase duas dezenas de autores presentes, também aqui figuram outros saberes integrados no trabalho do CEG, designadamente de antropólogos e arquitectos. Além de Orlando Ribeiro, deixámos representada toda a primeira geração de investigadores do CEG dos quais a Fototeca guarda registos: Francisco Tenreiro, Raquel Soeiro de Brito, Ilídio do Amaral e Suzanne Daveau.

Como dissemos, quisemos guardar para o visitante a maior liberdade possível para a interpretação de cada fotografia e das correspondências que possam ser estabelecidas entre grupos de fotografias. Daí que tivéssemos optado por não marcar o itinerário narrativo da exposição de modo explícito. Distribuídas pelas áreas comuns dos três pisos do Edifício do IGOT, as 80 fotografias escolhidas organizam-se em torno de pequenos conjuntos com relativa afinidade temática, mas também com espaço para correspondências imprevistas. Alguns pontos do trajecto terão ressonância mais ou menos imediata para quem olhar a exposição na perspectiva da história da disciplina em Portugal – o Mediterrâneo, a Cordilheira Central ou a erupção vulcânica dos Capelinhos, na ilha do Faial. Outro tanto para quem perceber a grande atenção concedida aos territórios tropicais em contexto colonial, talvez a parcela de todo este material fotográfico que mais exposta está à reinterpretação de quem hoje o vê. É precisamente nesse ponto que a memória do arquivo se abre ao futuro.

Francisco Roque de Oliveira
Coordenador científico da Fototeca do CEG

